



**As novas mídias e manifestações de  
protesto: casos no Brasil e Egito**

**Susana Branco de Araújo Santos  
Carla Candida Rizzotto**

DOI 10.5433/1984-7939.2012v8n12p79

# As novas mídias e manifestações de protesto: casos no Brasil e Egito

The new media and protest marches: cases in Brazil and Egypt

Susana Branco de Araújo Santos \*

Carla Candida Rizzotto \*\*

---

**Resumo:** *A proposta deste artigo é analisar a contribuição das novas mídias, a interação comunicacional e a relação existente entre as manifestações de protesto contrárias à decisão do presidente do Egito, Hosni Mubarak, de controlar a internet no país, e as manifestações de familiares e amigos de vítimas de violência urbana no Brasil. Para concretizar esta relação, são objetos de estudo desta análise imagens de três casos ocorridos em grandes cidades brasileiras, nos quais os manifestantes exibiam a fotografia do ser ausente, impressa em camisetas, e imagens de manifestantes opositoristas à política de controle da internet do presidente egípcio.*

**Palavras-chave:** *Fotografia. Relações contagiosas. Internet. Manifestações no Egito.*

**Abstract:** *The purpose of this article is to analyze the contribution of new media, the communicational interaction and the relation between the protest demonstrations against the decision of Egypt's President, Hosni Mubarak, of controlling the internet in his country, and the protest marches of families and friends of victims of the urban violence in Brazil. To achieve this aim, images of three cases that occurred in Brazilian big cities are objects of study, in which the protesters were showing off photos of the absent person printed in T-shirts, and images of protesters against the policy of internet control adopted by the Egyptian President.*

**Keywords:** *Photography. Contagious relations. Internet. Protests in Egypt.*

---

\* Bacharel em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo pela Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero, de São Paulo. Especialista em Marketing Empresarial pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestranda em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). E-mail: susana.branco@gmail.com

\*\* Mestre em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). Doutoranda pelo mesmo programa, na mesma instituição. Professora do MBA em Gestão da Comunicação Online, Marketing Digital e Publicidade na Internet (COMDPI-UTP) e do curso de graduação em Comunicação Social do Grupo Educacional Opet. E-mail: carla\_rizzotto@yahoo.com.br

## Introdução

As manifestações de protesto contra o governo do presidente do Egito, Hosni Mubarak, a partir da última semana de janeiro de 2011, demonstram a importância das novas mídias (telefonia celular, Internet e IPTV – *Internet Protocol TV*) e das redes sociais na internet. O uso da internet para conectar, reunir pessoas e divulgar causas com fins políticos ou sociais começou na década de 1990, mas sua popularização e a das mídias digitais ocorreu na primeira década deste século, especialmente a partir da difusão do uso da telefonia celular móvel e da possibilidade da comunicação e transmissão de textos e imagens captados por telefones celulares de forma imediata, por meio da internet. Cientistas sociais reconhecem que as novas mídias podem ser usadas para o bem e para o mal. Isto tem sido provado especialmente a partir de janeiro de 2011, quando elas contribuíram, no Egito (e posteriormente em outros países árabes e europeus), para acelerar movimentos sociais e favorecer as relações contagiosas<sup>1</sup>.

No Brasil, as novas mídias e as redes sociais também têm contribuído para a disseminação de informações e para ampliar as relações contagiosas. A proposta deste artigo é analisar a contribuição das novas mídias para esse contágio, a interação comunicacional e a relação existente entre as manifestações de protesto realizadas contra o presidente Hosni Mubarak, a partir de janeiro de 2011, e manifestações de brasileiros – familiares e amigos de pessoas mortas, vítimas de violência urbana – por meio da exibição da fotografia do ser ausente, eventualmente acompanhada de palavras clamando por justiça, impressas em camisetas.

---

<sup>1</sup> Ao conceituar contágio e relações contagiosas entre pessoas, Eric Landowski (2005) aponta dois regimes de interação (junção e união) e dois regimes de contaminação. O primeiro regime de contaminação, de acordo com Landowski, ocorre mediante a ação de um agente transmissor (um vírus, micróbio etc.). O segundo regime de contaminação afeta corpo e espírito sem a intervenção de nenhum transmissor externo: não há vírus, não há vetor físico-químico; “tudo acontece como se houvesse uma eficácia performática da co-presença”. Dois exemplos ilustram as interações contagiosas: o riso espontâneo, a gargalhada, em que o estado hilário do interlocutor pode levar ao mesmo estado de hilaridade; o desejo, no qual também o bom senso “parece querer que comecemos a desejar” algo ou alguém que nos pareça “desejável”.

Imagens de manifestações contrárias ao controle da internet pelo governo do Egito e imagens de manifestações de três casos de violência no Brasil – da menina Isabella Nardoni, vítima de violência familiar, em São Paulo; dos jovens Gilmar Rafael Yared e Carlos Murilo de Almeida, vítimas de violência no trânsito e embriaguez cometida pelo deputado Luiz Fernando Ribas Carli Filho, em Curitiba; e do menino João Hélio Fernandes, vítima de assaltantes, no Rio de Janeiro – que obtiveram ampla exposição na mídia por meio de fotografias e palavras clamando por justiça, impressas em camisetas vestidas como segunda pele por familiares e amigos das vítimas, reforçam o papel das novas mídias, das redes sociais na internet e demonstram sua atuação de forma articulada.

## As novas mídias e a panfletagem virtual no Egito

No Egito, a importância dada às novas mídias e às redes sociais era pequena antes dos protestos que culminaram na renúncia de Hosni Mubarak, em 11 de fevereiro de 2011, apenas dezoito dias após o início da mobilização popular. Muitos consideravam que naquele país o acesso à internet era pequeno, no entanto, foi exponencial o crescimento do acesso da população à telefonia celular móvel na última década e o telefone celular foi utilizado como uma arma de envio de informações, de forma rápida e eficiente.

Essa espécie de “panfletagem virtual” conectou o mundo aos manifestantes egípcios, que usaram a tecnologia da telefonia celular móvel para acessar as redes sociais como alternativa eficaz aos provedores locais de internet, sob controle do governo que combatiam. Os egípcios reagiram diante de ações de um governo que usava a rede mundial de computadores para disseminar a violência e amedrontar a população, desestimulando assim as manifestações. O país ficou sem internet durante cerca de uma semana, passando a reativar suas conexões apenas após a renúncia de Hosni Mubarak. Com isso, o acesso às imagens de conflitos ocorreu por

meio de mensagens e imagens enviadas por telefones celulares, tanto a contatos de outros países que se encarregavam de divulgá-las na internet, como por meio de um serviço diferenciado criado pelo *Google* e pelo *Twitter* para que os manifestantes publicassem mensagens de voz usando apenas o telefone.

As mídias sociais foram fundamentais para que o resto do mundo viesse a descobrir que a população egípcia ficou cinco dias sem acesso à internet e também pudesse verificar que as conexões foram aos poucos reativadas. Foi possível acompanhar esse processo porque com o restabelecimento das conexões houve a atualização nos perfis nas redes sociais dos moradores daquela região, presença de novas mensagens e aumento no número de contas, especialmente no *Twitter* e no *Facebook*.

Em outros países, manifestantes aderiram à causa da população egípcia e utilizaram-se de símbolos de redes sociais para protestar contra o bloqueio ao acesso à rede imposto por Mubarak. Em Toronto, no Canadá, durante o período em que o governo egípcio impediu o acesso à internet, um manifestante exibe um cartaz curioso e sua imagem é reproduzida também por meio das mídias tradicionais. Na imagem, o manifestante levanta cartaz com o nome do país grafado em inglês – *Egipt* – com letras coloridas que remetem aos símbolos das redes sociais virtuais (Figura 1).

*Figura 1 - Cartaz de protesto exibido por manifestante em Toronto, Canadá*



*Fotografia: Autor desconhecido  
Fonte: Ellis (2011a)*

Em manifestação de protesto contra a censura às conexões de internet imposta pelo governo egípcio, realizada em Nova Iorque, uma jovem exibe cartaz com a pergunta e, ao mesmo tempo, a exclamação “Quem tem medo do Twitter?!”, acompanhada do desenho de um pássaro azul, símbolo da rede social (Figura 2).

*Figura 2 - Cartaz de protesto exibido por manifestante em Nova Iorque, Estados Unidos*



*Fotografia: Autor desconhecido*

*Fonte: Ellis (2011b)*

Uma reportagem do telejornal *Bom Dia Brasil*, intitulada “Egípcios voltam a usar as mídias sociais”, veiculada em 2 de fevereiro de 2011, apresenta imagens dessas manifestações e informa que “não é mais somente no papel que as mídias sociais marcam presença nas manifestações que acontecem no Egito”. (VELOSO, 2011). Difundidos por meio das redes sociais, os protestos rapidamente alcançam os portais e *sites* e também as mídias tradicionais, como televisão, rádio e veículos impressos. “O

país, que está sem internet faz quase uma semana, aos poucos está reativando suas conexões. E o mais interessante é que as mídias sociais foram fundamentais para que o resto do mundo descobrisse isso”. (VELOSO, 2011). Nas mídias tradicionais (imprensa, radiodifusão e TV) a comunicação acontece de um emissor para muitos receptores, em mão única. A produção de conteúdo é consumida por muitos receptores (leitores, ouvintes, telespectadores). Nas novas mídias (telefonia celular, internet e IPTV – *Internet Protocol TV*) a comunicação ocorre de muitos para muitos e em duas mãos, isto é, todos são consumidores e produtores de conteúdo (texto, imagem e áudio) e interagem.

Jornais, rádios, televisões publicam ou emitem hoje quase tudo na web. Certas mídias (*webzines*, *webTV*, rádios *online*) estão disponíveis apenas na *web* sem utilizar o canal hertziano ou o impresso. A primeira consequência dessa nova situação é que todas as mídias podem ser “captadas”, lidas, escutadas, ou vistas de qualquer canto do planeta onde uma conexão à Internet é possível, com ou sem fio. (LEMOS; LÉVY, 2010, p. 73).

Em entrevista concedida à apresentadora Katie Couric, do canal americano CBS, na noite de 1º de fevereiro de 2011, o empresário Bill Gates, cofundador da Microsoft, afirma que a tecnologia facilita a propagação de informações e que “desligando” a internet, o presidente do Egito mostrou que tinha muito a esconder. Quanto à atitude de Hosni Mubarak de bloquear a internet em todo o Egito, Bill Gates diz que “não é tão difícil de interromper a internet se você tem um poder militar para o qual pode dizer o que vai acontecer. [...] está tentando mostrar às pessoas que tem medo que a verdade seja espalhada. É uma tática difícil, mas, certamente, a internet pode ser desligada”.<sup>2</sup>

De acordo com Bill Gates, no entanto, mesmo com o bloqueio da internet, os egípcios encontram formas de comunicação. “Ainda há muitas câmeras de vídeo portáteis e cobertura saindo de lá. Então, há uma

<sup>2</sup> Bill Gates em entrevista a Katie Couric, do canal americano CBS. Disponível em <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2011/02/nao-e-tao-dificil-de-interrromper-internet-diz-bill-gates-sobre-o-egito.html>. Acesso em: 20 jul. 2011.

consciência”. André Lemos e Pierre Lévy (2010, p. 73) explicam que “as novas mídias atuam a partir dos princípios de liberação da emissão, da conexão permanente em redes de conversação e da reconfiguração da paisagem comunicacional que tem implicações importantes nas dimensões sociais, culturais e políticas”. Para os autores, as novas mídias são “desterritorializadas”:

Elas não estão mais ligadas apenas a uma zona geográfica, mas a uma comunidade de proximidade local ou semântica, a redes sociais de ouvintes, de espectadores, de leitores ou de produtores, que podem estar dispersos e situados em qualquer lugar do mundo. (LEMOS; LÉVY, 2010, p.73-74).

Os serviços de internet no Egito foram restabelecidos parcialmente no dia seguinte (quarta-feira, 2 de fevereiro de 2011) à entrevista concedida pelo empresário da Microsoft, Bill Gates. Segundo informou o texto noticioso do G1 (2011), dos 80 milhões de egípcios, 23 milhões têm acesso à rede. As autoridades egípcias haviam cortado o acesso na noite de quinta-feira, 27 de janeiro de 2011, véspera de grandes manifestações convocadas contra o regime do presidente Hosni Mubarak.

O pesquisador suíço Patrick Haenni afirma, em 31 de janeiro de 2011, que “os *blogs* simpatizantes do movimento ‘Irmandade Muçulmana’ surgiram no final de 2004, abrindo uma brecha nessa organização [...] iniciaram um processo de abertura e uma nova cultura de militância marcada por valores veiculados pela rede”<sup>3</sup>. De acordo com Patrick Haenni, que se dedica à pesquisa sobre os movimentos islâmicos e a blogosfera por conta do Instituto *Relioscope* de Friburgo, na Suíça, os jovens adeptos dessa irmandade passaram a ampliar sua rede de relacionamentos e, em janeiro de 2011, “se impuseram no cenário da militância graças aos canais árabes por satélite que transmitem seus testemunhos e imagens”<sup>4</sup>.

<sup>3</sup> Patrick Haenni em entrevista a Frédéric Burnand, swissinfo.ch em 31 de janeiro de 2011, com o título Facebook revoluciona as revoluções. Disponível em: [http://www.swissinfo.ch/por/sociedade/Facebook\\_revolucion\\_a\\_as\\_revolucoes.html?cid=29376072](http://www.swissinfo.ch/por/sociedade/Facebook_revolucion_a_as_revolucoes.html?cid=29376072). Acesso em: 20 jul. 2011.

<sup>4</sup> Idem.

De acordo com Lemos e Lévy (2010, p.72), “as tecnologias e redes sem fio de comunicação digital móvel (celulares, *palms*, redes *Wi-Fi*, *Bluetooth*, GPS) têm criado novas práticas de mobilização política conhecidas como *smart mobs*”. Eles explicam que o termo *smart mobs* foi proposto por Rheingold, que o definiu como mobilizações “constituídas por pessoas que são capazes de agir juntas mesmo sem se conhecerem [...] cooperam de maneira inédita porque dispõem de aparatos com capacidade tanto de comunicação como de computação”. (RHEINGOLD, 2002 *apud* LEMOS; LÉVY, 2010, p.72).

Os manifestantes egípcios, no entanto, não foram pioneiros na utilização de telefonia celular para acesso às redes sociais com a finalidade de divulgar os motivos de suas manifestações. Ao afirmar que “se um povo modifica radicalmente seu modo de ver as coisas, se ele passa a pensar de maneira diferente e por si mesmo, não há poder que possa se opor”, Castells (2006) refere-se à força do pensamento coletivo e dos mecanismos comunicação para reagir e combater o poder dominante. Ele sustenta a afirmação com fatos ocorridos em países distintos, vários anos antes da mobilização dos egípcios.

Essa ‘onda’ mobilizadora, apoiada por redes de comunicação entre telefones celulares obteve efeitos impressionantes na Coreia do Sul, nas Filipinas, na Ucrânia, na Tailândia, no Nepal, no Equador, na França... Pode obter um efeito imediato, como em abril passado na Tailândia, com a destituição do primeiro-ministro Thaksin Shinawatra pelo rei Bhumibol Adulyadej. Ou na Espanha, com a derrota, nas eleições legislativas em março de 2004, do Partido Popular de José Maria Aznar. (CASTELLS, 2006).

Em junho de 2011, a Organização das Nações Unidas (ONU) definiu que o acesso à internet é um direito humano universal – como o direito à saúde, à educação e à moradia – e a rede deve ser protegida de interesses e empresas. A ONU passou a considerar a internet sua “nova fronteira de luta pela liberdade de expressão” (CHADE, 2011) ao publicar, em maio de 2011, seu primeiro relatório sobre a relação entre governos e a rede mundial de computadores. Para Frank La Rue, autor do documento

e relator especial da ONU, “governos que desconectarem sua população estarão, assim, violando direitos básicos e a lei internacional” e, nos países árabes, “[...] a onda de protestos mostrou a capacidade de mobilização que a internet pode ter no apelo à Justiça”. (CHADE, 2011).

## As novas mídias e protestos contra atos de violência no Brasil

Em três casos de violência ocorridos no Brasil e divulgados pela mídia tradicional (jornais, revistas, rádio e TV), imagens de manifestações de protesto envolvendo o uso de fotografias em camisetas vestidas por familiares de vítimas alcançaram também as redes sociais. São eles os casos da menina Isabella de Oliveira Nardoni, vítima de violência familiar, em São Paulo, em 2008; dos jovens Gilmar Rafael Souza Yared e Carlos Murilo de Almeida, vítimas de violência no trânsito e embriaguez cometida pelo deputado Luiz Fernando Ribas Carli Filho, em Curitiba, em 2009; e do menino João Hélio Fernandes Vieites, vítima de assaltantes, no Rio de Janeiro, em 2007.

Na noite de 29 de março de 2008, a menina Isabella Nardoni, aos cinco anos de idade, foi jogada da janela do apartamento de seu pai, Alexandre Alves Nardoni, e de sua madrasta, Anna Carolina Trotta Peixoto Jatobá, localizado na Vila Isolina Mazzei, zona norte de São Paulo. A menina não resistiu aos ferimentos e morreu. O pai e a madrasta de Isabella foram levados a júri popular e considerados culpados pelo assassinato.

A mãe de Isabella, Ana Carolina Cunha de Oliveira, “vestiu” a fotografia da filha durante a missa realizada em memória da menina. No semblante da mãe está expressa a tristeza pela morte prematura de sua filha, enquanto o retrato exibido na camiseta mostra um instante de felicidade da menina, realçado por um pingente em forma de coração superposto à imagem e sob a inscrição “paz” em letras prateadas. A imagem circulou pela mídia tradicional e pelas novas mídias (Figura 3).

Figura 3 - Ana Carolina Oliveira, mãe de Isabella, com a fotografia da filha na camiseta



Fotografia: Ricardo Leoni / Agência Globo  
Fonte: MÃE... (2008)

Por volta de uma hora da madrugada de 7 de maio de 2009, o carro ocupado por Gilmar Rafael Souza Yared, com 26 anos de idade, e Carlos Murilo de Almeida, com 20 anos de idade, se envolveu em um acidente de trânsito no bairro Mossunguê, em Curitiba. Os dois rapazes morreram no local. Foi comprovada a alta velocidade do outro veículo, conduzido pelo então deputado estadual Luiz Fernando Ribas Carli Filho, na ocasião em estado de embriaguez, que sobreviveu ao acidente. Em processo judicial, o ex-deputado é acusado de duplo homicídio. Na fotografia, capturada durante manifestação de protesto que reuniu as famílias dos dois jovens, a mãe e o pai de Gilmar Yared e a irmã de Carlos Murilo de Almeida emolduram a imagem de sofrimento que a mãe de Carlos Murilo torna pública ao enxugar as lágrimas (Figura 4).

*Figura 4 - Cristiane e Gilmar, pais de Gilmar Yared, ao lado de Vera (centro) e Gislaine, mãe e irmã de Carlos Murilo de Almeida, exibem fotografias dos filhos mortos em camisetas durante manifestação de protesto em Curitiba*



*Fotografia: Jonathan Campos  
Fonte: Cordeiro (2009)*

Em 7 de fevereiro de 2007, o menino João Hélio Fernandes Vieites tinha seis anos de idade quando três assaltantes roubaram o carro dirigido por sua mãe, no bairro Osvaldo Cruz, no Rio de Janeiro. A mãe e a irmã de João Hélio conseguiram sair do veículo, mas o menino ficou preso ao cinto de segurança do banco traseiro. Pendurado do lado de fora do carro e arrastado pelos criminosos em fuga por cerca de sete quilômetros, o menino foi encontrado morto, junto ao veículo abandonado. Quatro dos cinco criminosos foram condenados a penas que somam juntas 167 anos de reclusão. Um menor de idade envolvido no crime recebeu pena socioeducativa.

A fotografia captada durante a missa celebrada em memória a João Hélio, passados sete dias de sua morte, em 2007, mostra os sinais de tristeza presentes no semblante de seus pais, Élson Lopes Vieites e Rosa

Cristina Fernandes, de familiares e amigos. A imagem captada num templo religioso, na qual as pessoas “vestem” a fotografia do menino com fisionomia alegre e saudável, foi divulgada pela mídia tradicional e também pelas novas mídias. De mãos dadas e erguidas durante a cerimônia religiosa, o clamor dos familiares é reforçado com a fita preta presa ao pulso da mãe do menino (Figura 5).

*Figura 5 - Missa celebrada em memória de João Hélio Fernandes Vieites*



*Fotografia: André Teixeira*

*Fonte: Missa... (2007)*

Embora desde o princípio os manifestantes – familiares e amigos das vítimas “vestidos com fotografias” de seus entes queridos impressas em camisetas – contem com o apoio das mídias tradicionais, sem enfrentar quaisquer restrições governamentais ou privadas, as novas mídias e, mais especificamente, as redes sociais na internet, mostram-se importantes para a reprodução dos conteúdos e para fortalecer e ampliar as relações contagiosas.

Hoje, quando, pela tecnologia, prolongamos todos os nossos sentidos e todas as partes de nosso corpo, sentimos a ânsia da necessidade de um consenso externo entre a tecnologia e a experiência que eleva a nossa vida comunal ao nível de um consenso mundial. (MCLUHAN, 2007, p.126).

As fotografias dessas vítimas de violência urbana em três grandes cidades brasileiras, impressas nas camisetas de manifestantes clamando por justiça, têm efeito similar aos cartazes erguidos por manifestantes no Egito e em outros países do mundo, em defesa do restabelecimento das conexões de internet, controladas pelo então presidente egípcio Hosni Mubarak.

## Bases de dados e redes sociais

Na sociedade contemporânea, tudo está relacionado ao jornalismo e ao uso de bases de dados. A tendência é que em curto espaço de tempo todo o jornalismo esteja estruturado em base de dados, assim como tudo o mais na vida das pessoas. E se até alguns anos atrás as bases de dados estavam contidas em fichários e outros arquivos físicos, mais recentemente passaram a ser digitais e até ocupar espaço virtual, algum lugar no ciberespaço, conforme previsão de Marshall McLuhan.

Nos dias atuais, as bases de dados (e as informações nelas contidas) e as redes sociais são tão importantes para os governantes como o eram os aquedutos e as estradas para os imperadores romanos. Se na Roma antiga, os aquedutos conduziam a água e as estradas facilitavam o acesso às mercadorias e à informação, na sociedade ocidental deste início do século XXI, as comunidades passaram a ter mais voz (são ouvidas) se articulando em torno das redes sociais (dentro e fora da internet) que, de forma descentralizada, produzem as bases de dados. É dessa forma que se articulam algumas famílias de vítimas de violência em grandes cidades como São Paulo, Curitiba e Rio de Janeiro e manifestantes contrários à política do presidente egípcio Hosni Mubarak.

Lemos e Lévy (2010, p.76) reforçam o importante papel político de novas ferramentas viabilizadas pelo acesso à internet, tais como *blogs*, *wikis*, *podcast*, *microblogs*, *softwares* sociais “que oferecem informações para além da transposição das mídias de massa”, de forma colaborativa. Além disso, com a reconfiguração de antigos formatos midiáticos – como

os veículos impressos (jornais e revistas), a TV e o rádio – e o surgimento de novos formatos, “novas formas de etiquetagem (*tagging*) e bancos de dados criaram novas maneiras de acesso à memória coletiva, ao compartilhamento e à adesão a uma rede semântica complexa e planetária”. (LEMOS; LÉVY, 2010, p.77).

Na sociedade atual cada vez mais ocorre a comunicação mediada, portanto a exposição de familiares de vítimas de violência trajando camisetas com fotografias dessas vítimas e palavras de protesto impressas estimula o diálogo, seja por meio das redes sociais (mediadas pelo computador ou não) como pela mídia tradicional (impressos, rádio e TV). Insistentemente divulgado pelos meios de comunicação, o conteúdo da mensagem tem sua discussão ampliada pelas redes sociais mediadas pelo computador que, de acordo com Raquel Recuero (2009, p.17) “conectam não apenas computadores, mas pessoas”.

## Comunicação em ato

Vestindo camisetas com fotografia da pessoa morta, em manifestações coletivas, familiares e amigos constroem a comunicação em ato<sup>5</sup>. Da mesma forma, ao protestar contra o controle da internet decretado pelo presidente egípcio, Hosni Mubarak, seja no Egito ou em outros países do mundo, os manifestantes também constroem a comunicação em ato. “Pois assumimos a intenção de captar o sentido de

<sup>5</sup> A. J. Greimas e J. Courtés (2011, p.42) definem ato, de acordo com a tradição filosófica, como “o que faz ser”: o agir identifica-se, assim, ao “fazer-ser” e corresponde à passagem da potencialidade à existência. De acordo com Paul Zumthor (2007, p.50), o termo performance, relativo às condições de expressão e da percepção, “designa um ato de comunicação como tal; refere-se a um momento tomado como presente. A palavra significa a presença concreta de participantes implicados nesse ato de maneira imediata”. Portanto, entende-se por realizar a “comunicação em ato” como o “fazer-ser”, mediante a presença concreta dos participantes envolvidos. Com apoio em duas obras de Eric Landowski, *Passion sans nom* (2004) e *Interactions risquées* (2005), a pesquisadora Kati Eliana Caetano (2011, p.16) define “comunicação em ato” como formas discursivas passíveis de serem compreendidas e explicadas no âmbito dos estudos de uma dada cultura (enquanto modos de significar, de sentir e de fazer sentir) em ato, “no momento mesmo em que se constroem em situação – nos estádios, nas ruas, nos lugares públicos”.

um modo distinto, precisamente unindo-nos, na medida do possível, ao *outro* – interlocutor, texto, obra ou fragmento do mundo natural”. (LANDOWSKI, 2005, p.20). Nesse caso, de acordo com Eric Landowski (2005), o processo de contaminação ocorre “como se houvesse uma eficácia performática da co-presença”.

[...] Estar presente para outrem já é comunicar, mesmo que alguém do plano cognitivo. [...] Todo o problema está na definição do estatuto dessa comunicação, na qual, por hipótese, o corpo não faz sinal com base em algum código preestabelecido, mas na qual ele faz sentido, imediatamente e dinamicamente – em ato. (LANDOWSKI, 2005, p.24).

Para Landowski (2005), mesmo quando se ativa apenas o sentido da visão, por exemplo, todo o corpo é envolvido, sinérgico e atuando na percepção sensitiva de algo. Ao questionar “de que forma o fato de dois corpos-sujeitos entrarem em contato pode fazer sentido para eles antes de todo o discurso articulado?”, Landowski (2005) reforça a existência dessa sinergia.

Com esse regime da co-presença sensível, ou do corpo-a-corpo estésico, perfilam-se, em relação ao regime de sentido e de interação fundamentado na troca de objetos, diferenças profundas em termos de modos de estar-no-mundo e, ao mesmo tempo, de estar presente para o outro. (LANDOWSKI, 2005, p.24).

O processo comunicacional resulta numa comunhão afetiva e, a exemplo de integrantes de uma plateia que assistem a uma peça teatral, aqueles que veem as imagens das manifestações, comungam da tristeza e da revolta de familiares e amigos das vítimas de violência no Brasil, ou das vítimas de atrocidades cometidas por um governante de um país distante. “Experiência estética e estésica partilhada, a participação no ato dramático instaura então uma comunidade viva entre os espectadores, fundada em uma proximidade sentida que une os corpos-sujeitos.” (LANDOWSKI, 2005, p.37).

## Imagem exibida à exaustão

A exibição de imagens à exaustão tem sido possível graças à mudança de paradigma pela qual passam os meios de comunicação. Vivemos hoje a denominada “convergência midiática”, um momento em que todas as mídias se dirigem para um único equipamento e permitem não apenas obter a informação em questão de segundos, mas também interagir. “Nossos telefones celulares não são apenas aparelhos de telecomunicações; eles também nos permitem jogar, baixar informações da internet, tirar e enviar fotografias ou mensagens de texto.” (JENKINS, 2008, p.41). Para Henry Jenkins (2008), essa nova cultura lança desafios para a humanidade, especialmente com relação à dificuldade de controle de acesso ou participação.

Estamos entrando agora na cultura da convergência. Não surpreende que ainda não estejamos prontos para lidar com suas complexidades e contradições. Temos de encontrar formas de transpor as mudanças que estão ocorrendo. Nenhum grupo consegue ditar as regras. Nenhum grupo consegue controlar o acesso e a participação. (JENKINS, 2008, p.50).

A convergência midiática contribui tanto para a organização de manifestação de protesto pela violência, clamor por justiça e paz, como favorece e amplia sua divulgação durante e após o ato que reúne familiares, amigos e simpatizantes dos jovens Gilmar Yared e Carlos Murilo de Almeida. Fotografias dos dois jovens, mortos em acidente violento de trânsito em Curitiba, “vestem” os manifestantes que percorreram à pé algumas das principais ruas da capital paranaense, partindo do bairro onde ocorreu o acidente. As setas indicativas do sentido do tráfego de veículos na pista conferem movimento à fotografia e, ao fundo, ampliam a força da manifestação com a possibilidade do infinito na quantidade de pessoas e na duração (Figura 6).

*Figura 6 - Em passeata realizada em Curitiba, manifestantes clamam por justiça e pedem punição ao deputado Ribas Carli Filho*



*Fotografia: Jonathan Campos  
Fonte: Cordeiro (2009)*

## Linguagem universal

Muito utilizada pelos meios de comunicação, especialmente os veículos impressos e, mais recentemente, também pela internet (*sites, blogs* etc.), a imagem fotográfica é uma linguagem universal. No entanto, a imagem fotográfica estática e impressa em um suporte que oferece condições de movimento (camiseta) transforma-se em mídia, pois ao mesmo tempo em que pode transmitir as emoções da pessoa que veste a camiseta, passa uma mensagem adicional àquele que a vê. O assunto merece reflexão de Susan Sontag (2003), que o associou à obra de Guy Debord:

Segundo uma análise muito influente, vivemos numa ‘sociedade do espetáculo’. Toda situação tem de se transformar em espetáculo para ser real – ou seja, interessante – para nós. As próprias pessoas aspiram a tornar-se imagens: celebridades. A realidade renunciou. Só existem representações: mídia. (SONTAG, 2003, p.91).

De acordo com Sontag (2003), outra característica da comunicação nos dias atuais é o grande volume de informações de caráter noticioso. E isso se deve à rapidez conferida à transmissão das informações, especialmente graças à rede mundial de computadores (internet) e à evolução da tecnologia de imagem e áudio. Nesse aspecto, o acesso facilitado à internet confere maior dinâmica às redes sociais e amplia o acesso das pessoas às bases de dados. Segundo Recuero (2009) “uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais)”, (WASSERMAN; FAUST, 1994; DEGENNE; FORSE, 1999 *apud* SOUZA; GOMES, 2010, p.4).

## Considerações finais

Observa-se a existência de relações contagiosas alimentadas pelas redes sociais na internet e pela mídia tradicional nos três casos de protesto no Brasil, mediante a exposição de imagens de pessoas vestindo camisetas com fotografias de pessoas mortas, ou melhor, vestindo fotografias de seus entes queridos. Também se observa a existência de relações contagiosas alimentadas pelas redes sociais no caso dos manifestantes contrários ao controle da internet pelo presidente egípcio Hosni Mubarak. Esse espetáculo que, conforme definição de Guy Debord, “não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens” (DEBORD, 1997, p.14), proporciona àquele que o observa um contágio.

As novas mídias e as redes sociais na internet ampliam as possibilidades de comunicação, organização e mobilização; favorecem a ampliação das relações contagiosas e abrem um novo espaço público de discussão para as pessoas que têm acesso à *web*. As novas mídias têm contribuído para derrubar as fronteiras entre países, superando diferenças sociais, raciais ou religiosas. Ou seja, elas favorecem a comunicação global.

As interações comunicacionais intermediadas pela Internet influenciam a percepção das pessoas sobre a sociedade em que vivem, sobre o resto do mundo e influenciam tomadas de decisões que podem contribuir para a mudança de leis e, até mesmo, para derrubar um governo.

## Referências

CAETANO, Kati Eliana. Presenças do sensível nos processos interacionais. São Paulo, **Revista Galáxia**, 2011, n.22, p.12-24. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/6647>>. Acesso em: 18 jan. 2012.

CASTELLS, Manuel. A era da intercomunicação. **Le Monde Diplomatique**, 2006. Disponível em: <<http://diplomatie.uol.com.br/acervo.php?id=1915&PHPSESSID=e982d772e136b75d3fac6b3715d1e5c5>>. Acesso em: 20 jul. 2011.

**CHADE, Jamil**. Para todos e sem censura. **Estadão**, São Paulo, 12 jun. 2011. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/link/para-todos-e-sem-censura/>>. Acesso em: 20 jul. 2011.

**CORDEIRO, Aldrin**. Familiares e amigos de jovens mortos em acidente fazem passeata pela paz. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 24 maio 2009. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vidapublica/conteudo.phtml?id=889692>>. Acesso em: 20 jul. 2011.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ELLIS, Nick (Ed.). Cartazes de protesto em apoio a população do Egito citam redes sociais: Nova York. **Tchudo Notícias**, jul. 2011a.

Disponível em: <<http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2011/02/cartazes-de-protesto-em-apoio-populacao-do-egito-citam-redes-sociais.html>>. Acesso em: 20 jul. 2011.

\_\_\_\_\_. Cartazes de protesto em apoio a população do Egito citam redes sociais: Toronto, Canadá. **Techtudo Notícias**, jul. 2011b.

Disponível em: <<http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2011/02/cartazes-de-protesto-em-apoio-populacao-do-egito-citam-redes-sociais.html>>. Acesso em: 20 jul. 2011.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2011.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

LANDOWSKI, Eric. **Aquém ou além das estratégias, a presença contagiosa**. São Paulo: Edições CPS, 2005.

LEMONS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia**. São Paulo: Paulus, 2010.

MÃE de Isabella Nardoni homenageia criadora do movimento Sou da Paz. **Globo.com**, São Paulo, set. 2008. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Sites/Especiais/Noticias/0,,MUL759052-15528,00-MAE+DE+ISABELLA+NARDONI+HOMENAGEIA+CRIADORA+DO+MOVIMENTO+SOU+DA+PAZ.html>>. Acesso em: 20 jul. 2011.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 2007.

MISSA por João Hélio reúne centenas de pessoas. **Globo.com**, Rio de Janeiro, 14 fev. 2007. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/mat/2007/03/19/294997633.asp>>. Acesso em: 20 jul. 2011.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SOUZA, Ibrahim Cesar Nogueira de; GOMES, Renato Elston. Desvendando as Redes Sociais como ferramenta da publicidade na web. In: XV CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 15., Vitória, ES, 2010. Disponível em: <<http://www.slideshare.net/ibrahimcesar/desvendando-as-redes-sociais-4557321>>. Acesso em: 20 jul. 2011.

VELOSO, Thássius. Egípcios voltam a usar as mídias sociais. **Tchtudo Notícias**, fev. 2011.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**: Paul Zumthor. São Paulo: Cosac Naify, 2007.